

A INTERSECÇÃO ENTRE RELIGIÃO E PSICOLOGIA: CONCEITOS HISTÓRICOS E A ÓTICA CONTEMPORÂNEA

Maria Jose Pedro Francisconi¹
Diego da Silva²

RESUMO: O presente artigo explora a intersecção entre a psicologia e a religião, analisando seus desenvolvimentos históricos e perspectivas contemporâneas. A psicologia da religião, campo que investiga os efeitos das experiências religiosas no comportamento humano, teve suas raízes com pensadores como William James e Sigmund Freud no final do século XIX. O estudo discute os desafios enfrentados por psicólogos ao lidar com pacientes religiosos em um contexto predominantemente religioso como o Brasil, equilibrando o respeito à espiritualidade com os princípios laicos da profissão. A metodologia utilizada baseia-se em revisão de literatura científica, integrando conceitos de filosofia e teologia. Além disso, o artigo examina o papel da religiosidade no enfrentamento de crises psicológicas, como observado durante a pandemia de COVID-19. Conclui-se que, apesar das tensões históricas, a integração entre religião e psicologia vem crescendo, permitindo uma compreensão mais abrangente do comportamento humano e maior eficácia na prática terapêutica.

Palavras-chave: Psicologia da religião. Saúde mental. Crises. Secularização. Religião e psicologia.

I INTRODUÇÃO

A Psicologia da Religião é uma área relativamente nova da ciência psicológica que se dedica ao estudo das experiências e práticas religiosas, buscando entender seus efeitos e causas no comportamento humano. Esse campo investiga as funções psicológicas envolvidas nas manifestações de fé e religiosidade, como sentimentos, desejos, pensamentos e imagens mentais que surgem em relação ao sagrado. Além disso, a psicologia da religião analisa os modos de funcionamento da mente religiosa e a postura diante de experiências religiosas em suas diversas formas. Historiadores consideram que as raízes desse estudo remontam ao fim do século XIX, quando figuras como William James, Sigmund Freud, Carl Jung, entre outros, começaram a aplicar o conhecimento psicológico à compreensão das experiências religiosas. Estes pensadores ajudaram a elevar a religiosidade a um objeto importante de investigação, utilizando as experiências religiosas para formular suas teorias sobre a mente humana e o comportamento (LOGOS, 2021).

¹ Formada em psicologia pelo Centro Universitário do Paraná-UniEnsino.

² Professor.

Apesar dos avanços, ainda há muito a ser explorado, já que o ser humano está em constante mudança, o que coloca novos desafios para essa disciplina. A psicologia da religião busca analisar a vivência religiosa sob uma perspectiva fenomenológica, examinando os fenômenos que ocorrem internamente, mas também considerando a realidade empírica e os impactos visíveis das crenças religiosas no cotidiano das pessoas. Assim, ela proporciona uma compreensão mais profunda da relação entre a vida psíquica e a religiosidade, utilizando também exemplos bíblicos e observações sobre a vida religiosa descritas no Livro Sagrado (LOGOS, 2021).

A intersecção entre religião e psicologia é um tema de grande relevância no Brasil, considerando que, segundo o censo do IBGE de 2010, cerca de 92% da população se identifica como religiosa. Nesse contexto, tanto pacientes quanto psicólogos muitas vezes têm crenças religiosas, e a liberdade religiosa é garantida a todos pelo artigo 5º, inciso VI, da Constituição Federal de 1988, que assegura que nenhum profissional pode ser impedido de exercer sua profissão por questões espirituais. Portanto, é inevitável que a religião faça parte da vivência dos brasileiros, seja diretamente nas práticas cotidianas, seja nas interações profissionais, como na atuação de psicólogos que atendem um público religioso (MACIEL; LINS, 2023).

Embora o psicólogo possa ter suas próprias crenças, é fundamental que sua prática profissional seja guiada por princípios teóricos e técnicos laicos, como estabelece o Código de Ética da profissão. O artigo 2º, alínea b, proíbe o psicólogo de induzir crenças religiosas ou adotar práticas que não sejam cientificamente fundamentadas no exercício da profissão. Isso inclui práticas como regressão a vidas passadas, conversão religiosa e uso de ferramentas como Tarot e astrologia. Tais práticas não podem ser integradas à atuação psicológica, uma vez que a psicologia, enquanto ciência, deve manter seu caráter laico e isento de influências religiosas. É igualmente importante que o psicólogo saiba respeitar a religiosidade de seus pacientes, reconhecendo o impacto da espiritualidade no processo terapêutico. Assim, ao escolher um nicho de atuação, é fundamental compreender o perfil do público atendido, o que inclui aspectos como a religião, que pode ser um elemento central na vida do paciente. A construção de um vínculo de respeito e compreensão da visão religiosa dos clientes é essencial para uma prática ética e eficaz. Dessa forma, ao atuar em locais como escolas públicas ou instituições de saúde, onde muitas vezes se encontra um público mais religioso e com menor poder aquisitivo, o psicólogo deve estar atento às particularidades de cada indivíduo e sua relação com a religião (MACIEL; LINS, 2023).

1.2 Metodologia, objetivo e construção da tese

A metodologia adotada no presente artigo é baseada em uma análise qualitativa aprofundada seguindo o modelo circunflexo dialético de Amber Samson, estruturada a partir de uma revisão detalhada de artigos científicos disponibilizados em fontes acadêmicas amplamente reconhecidas, como a Biblioteca Virtual, Scielo, Google Scholar, e outros repositórios de conhecimento. Samson defende o processo de pesquisa científica para a educação e a importância da “thesis-antithesis-synthesis”, ou seja a tese, antítese e síntese no processo do aprendizado (SAMSON, 2019).

Para a construção da tese, buscou-se selecionar cuidadosamente os estudos mais relevantes e atuais que abordam a intersecção entre psicologia e religião, garantindo que a análise fosse abrangente e bem fundamentada.

O objetivo central desta pesquisa foi explorar e compreender como a narrativa da construção de sentido da vida se manifesta sob a perspectiva da psicologia, considerando a influência e o papel da religião nesse processo. Com essa meta, a investigação transitou por uma abordagem multidisciplinar, integrando conceitos e teorias tanto da psicologia quanto da filosofia, permitindo uma reflexão mais ampla e crítica sobre o tema.

No que diz respeito à construção da tese, a pesquisa se propôs a analisar as contribuições de diversos autores e correntes teóricas que examinam os impactos psicológicos e sociais da religião, considerando-a não apenas como um fenômeno cultural, mas também como um elemento essencial na constituição do sentido existencial do indivíduo. Ao longo da análise, foram abordadas questões relacionadas ao papel da fé, da espiritualidade e das crenças religiosas na saúde mental, na resiliência emocional e no enfrentamento de crises existenciais.

Adicionalmente, o estudo busca trazer à luz a importância do diálogo entre a psicologia e outras áreas do saber, como a teologia e a filosofia, para enriquecer a compreensão do fenômeno religioso e seus efeitos na construção de identidades e na busca por significado. Essa análise, além de teórica, traz implicações práticas ao considerar como essas influências se manifestam nas sociedades contemporâneas e de que maneira o contexto religioso pode contribuir para o bem-estar psicológico e para a coesão social.

A metodologia aplicada foi fundamentada em textos acadêmicos e científicos que oferecem bases sólidas para a argumentação incluindo também alguns clássicos modernos, garantindo que as reflexões aqui apresentadas estejam embasadas em dados empíricos e teorias

consolidadas, assegurando, assim, a validade e relevância da pesquisa no campo do estudo da psicologia da religião e da construção de sentido.

2 DEFINIÇÃO DE PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

William James, em *As Variedades da Experiência Religiosa*, define a psicologia da religião como o estudo das experiências religiosas individuais e seu impacto na constituição mental dos seres humanos. Para James, essas experiências não podem ser reduzidas a meras tradições ou rituais externos, mas devem ser vistas como fenômenos psicológicos profundos que influenciam diretamente o comportamento e as emoções dos indivíduos. Ele defende que a psicologia da religião deve se concentrar nas emoções, sensações e impulsos pessoais, ao invés de nas instituições religiosas, porque é no íntimo da mente individual que as experiências religiosas mais significativas ocorrem (JAMES, 1991).

Para os fins de desenvolver uma pesquisa abrangente e devidamente fundamentada atendendo à base metodológica adotada, é essencial que esta se estenda também aos clássicos, a fim de assegurar um embasamento teórico sólido e consistente. A definição a seguir baseia-se no legado de Merval Rosa, cuja contribuição, em tempos passados, foi uma das vozes fundamentais na construção do conhecimento que, ao longo do tempo, consolidou-se como parte essencial do desenvolvimento da psicologia contemporânea (ROSA, 1979).

2374

James também explora como as experiências místicas e religiosas são frequentemente associadas a estados de alma intensos e, por vezes, patológicos. Ele destaca que muitos dos líderes religiosos mais influentes, como George Fox, apresentavam sinais de instabilidade emocional e mental, o que não diminuiu o valor espiritual de suas experiências. Pelo contrário, James argumenta que essas experiências, mesmo quando associadas a condições psicológicas extremas, podem ter um valor profundo e duradouro para a humanidade (JAMES, 1991).

A psicologia da religião pode ser definida como o estudo científico do comportamento religioso humano, buscando compreender, por meio de métodos empíricos, os fenômenos relacionados à experiência religiosa. Embora existam esforços para enquadrá-la como uma área legítima dentro da psicologia científica, essa tentativa ainda enfrenta diversos obstáculos. Em 1909, durante o Congresso Psicológico de Genebra, o psicólogo M. Flourney sugeriu que a psicologia da religião fosse considerada uma área autêntica de investigação científica. A proposta de Flourney, juntamente com a de outros estudiosos como Strunk, que defendia a inclusão da psicologia da religião no escopo da psicologia experimental, representou um marco

na busca pela legitimação da área. No entanto, apesar dessas iniciativas, a psicologia da religião ainda luta para alcançar uma posição de respeito dentro do campo acadêmico (ROSA, 1979).

Ao investigar a origem e o valor das experiências religiosas, James faz uma distinção importante entre a análise existencial e a espiritual. Ele afirma que, embora essas vivências possam ter raízes em condições psicológicas ou neurológicas, isso não diminui seu valor espiritual. A psicologia da religião, segundo ele, deve se abster de julgamentos que desqualificam essas experiências com base apenas em sua origem biológica ou psicopatológica. O que realmente importa é o efeito prático dessas experiências na vida dos indivíduos e no seu bem-estar emocional e espiritual (JAMES, 1991).

Um dos principais desafios enfrentados pela psicologia da religião é o fato de ela se encontrar em uma posição ambígua, situada entre a religião e a psicologia. Como observado por W. H. Clark, diferentemente de outros ramos da psicologia, a psicologia da religião nunca desfrutou de uma posição acadêmica respeitável. Isso ocorre, em parte, porque a disciplina é vista como pertencente tanto à religião quanto à psicologia, sem se firmar completamente em nenhuma das duas áreas. Essa indefinição dificulta seu reconhecimento como uma área especializada dentro da psicologia científica. Clark destaca três razões principais para essa falta de respeitabilidade. A primeira delas é a complexidade do comportamento religioso, que dificulta a formulação de conclusões claras e específicas. O comportamento religioso envolve elementos subjetivos e simbólicos que, por sua própria natureza, desafiam o rigor científico tradicional, que busca generalizações objetivas e quantificáveis (ROSA, 1979).

2375

James conclui que o estudo psicológico das experiências religiosas oferece uma visão abrangente da natureza humana, revelando tanto a capacidade dos seres humanos de alcançar níveis elevados de compreensão e conexão espiritual, quanto a fragilidade de sua mente, especialmente em momentos de sofrimento. O impacto dessas experiências não é apenas individual, mas tem implicações sociais e culturais, o que reforça a necessidade de uma investigação mais científica e aprofundada das interações entre a psicologia e a religião (JAMES, 1991).

A segunda razão apresentada por Clark é a falta de treinamento científico adequado por parte de muitos estudiosos da psicologia da religião. Com frequência, os indivíduos que escrevem sobre o tema vêm de seminários religiosos, onde são treinados em especulações teóricas, mas têm pouco conhecimento sobre os métodos empíricos de observação e experimentação. Isso acaba por favorecer a influência de teorias psicológicas altamente

especulativas, como as de Freud, Jung, Adler e Otto Rank, sobre os autores que abordam o tema. Embora essas teorias ofereçam interpretações interessantes sobre a experiência religiosa, elas carecem de uma base empírica sólida, o que prejudica o avanço da psicologia da religião como uma disciplina científica respeitável. Para alcançar maior credibilidade, é essencial que a psicologia da religião se desassocie dessas teorias especulativas e se dedique ao estudo objetivo da experiência religiosa por meio de métodos científicos amplamente aceitos (ROSA, 1979).

A terceira razão mencionada por Clark para a marginalização da psicologia da religião no campo científico é a resistência de muitos indivíduos e instituições religiosas ao estudo objetivo da experiência religiosa. Para muitos, a experiência religiosa é considerada íntima e sagrada, e submetê-la ao escrutínio científico é vista como uma profanação. Essa atitude, embora criticada por Clark, ainda prevalece em muitos círculos religiosos, dificultando a aceitação da psicologia da religião como uma área legítima de estudo acadêmico. Apesar desses obstáculos, há uma expectativa de que, com o tempo, a psicologia da religião venha a ser reconhecida como um ramo da psicologia científica, desde que seus estudiosos adotem métodos mais precisos de investigação empírica e se afastem de compromissos incondicionais com teorias especulativas. Em suma, a psicologia da religião enfrenta desafios significativos para ser aceita como uma disciplina científica de pleno direito. A complexidade do comportamento religioso, a falta de formação científica adequada dos estudiosos e a resistência cultural ao estudo objetivo da religião têm retardado seu progresso. No entanto, há um movimento em direção a uma abordagem mais empírica e científica da experiência religiosa, que pode, no futuro, consolidar a psicologia da religião como uma área legítima e respeitável dentro da psicologia geral (ROSA, 1979).

2.1 A história da psicologia na religião

A história da religião e sua interseção com a psicologia e a medicina, especialmente no contexto da educação teológica, revela uma evolução significativa ao longo do tempo. Uma das principais contribuições desse desenvolvimento foi a superação da dicotomia artificial entre os estudos teóricos e práticos na educação religiosa. Tradicionalmente, havia uma separação clara entre as questões espirituais e materiais, sendo que o ministro religioso focava apenas no lado espiritual. No entanto, essa visão foi gradualmente substituída por uma perspectiva mais holística, onde o ser humano é tratado como um todo, sem a divisão entre seus aspectos materiais e espirituais. Nesse sentido, o ministro passa a reconhecer que os problemas

enfrentados pelo indivíduo são humanos em sua essência, e, portanto, precisam ser tratados em todas as dimensões do ser, sem dicotomias (ROSA, 1979).

William James, em sua obra “As Variedades da Experiência Religiosa”, apresenta uma análise profunda sobre a relação entre a psicologia e a religião. Ele examina as experiências religiosas a partir de uma perspectiva psicológica, propondo que essas vivências devem ser compreendidas como fenômenos humanos, que afetam diretamente a constituição mental dos indivíduos. Para James, a religião não pode ser reduzida apenas a um conjunto de crenças ou práticas externas, mas deve ser vista como uma expressão profunda e interna da experiência humana, especialmente em termos de suas influências psicológicas (JAMES, 1991).

Essa nova abordagem teve um impacto direto no conceito de sacerdócio individual. Antes, a ideia de sacerdócio estava vinculada estritamente ao pastor ou líder religioso. Com o tempo, e à medida que o ministro busca ajudar o indivíduo de forma mais ampla, o sacerdócio passa a ser compreendido de maneira mais comunitária. O reconhecimento do valor de outros profissionais, como médicos e psicólogos, no auxílio ao ser humano reflete essa transformação. O ministro, ao encaminhar uma pessoa a um especialista, reconhece que o ministério daquele profissional pode ser tão profundo e significativo quanto o seu próprio, promovendo uma integração entre a espiritualidade e as demais áreas do conhecimento (ROSA, 1979).

2377

James também explora como as experiências místicas e religiosas são frequentemente associadas a estados de alma intensos e, por vezes, patológicos. Ele destaca que muitos dos líderes religiosos mais influentes, como George Fox, apresentavam sinais de instabilidade emocional e mental, o que não diminui o valor espiritual de suas experiências. Pelo contrário, James argumenta que essas experiências, mesmo quando associadas a condições psicológicas extremas, podem ter um valor profundo e duradouro para a humanidade (JAMES, 1991).

O treinamento clínico do ministério religioso também desempenhou um papel crucial nessa evolução, ao contribuir para que os ministros e religiosos desenvolvessem uma aceitação mais profunda da finitude humana. Em consonância com o que Paul Tillich denominou como “Princípio Protestante”, a idolatria é vista como a absolutização do finito, e o ministro aprende a aceitar a própria finitude e a de seus semelhantes. Essa aceitação tem um valor terapêutico significativo, ajudando a reduzir as tensões emocionais que podem levar a neuroses coletivas, um fenômeno comum no mundo moderno. Assim, ao colocar o problema humano em sua devida perspectiva, diante de Deus, a educação teológica reformula a visão sobre os problemas

humanos, interpretando-os à luz da responsabilidade pessoal e da esperança, o que evita que o indivíduo se torne cínico ou apático perante a vida (ROSA, 1979).

Ao investigar a origem e o valor das experiências religiosas, James faz uma distinção importante entre a análise existencial e a espiritual. Ele sugere que, enquanto é possível estudar as experiências religiosas do ponto de vista de sua origem psicológica e histórica, isso não invalida sua importância e significado espiritual. As experiências religiosas, apesar de terem causas naturais ou patológicas, revelam verdades profundas sobre a condição humana, e, portanto, merecem ser estudadas e respeitadas dentro da psicologia (JAMES, 1991).

No início do século XX, a relação entre religião e medicina começou a se estreitar. Uma das primeiras tentativas formais de relacionar essas duas áreas foi a publicação do livro *Religion and Medicine* (1905), de Worcester, McComb e Cariat, onde dois clérigos e um médico discutem as conexões entre a espiritualidade e a saúde. No entanto, foi Anton T. Boisen quem deu um impulso significativo a essa relação, especialmente entre religião e saúde mental. Boisen, ao enfrentar uma crise emocional severa diagnosticada como esquizofrenia catatônica, passou por um processo de internação e tratamento em um hospital psiquiátrico, do qual emergiu com uma nova perspectiva sobre a relação entre religião e doença mental. Sua experiência pessoal o motivou a investigar o papel da religião nas doenças mentais, e ele se tornou o primeiro capelão protestante em um hospital psiquiátrico nos Estados Unidos, transformando o Hospital de Worcester em Massachusetts no primeiro centro de treinamento clínico para o ministério (ROSA, 1979). A obra de Boisen teve um impacto profundo na educação teológica e na psiquiatria. Em seu livro *The Exploration of the Inner World* (1936), ele apresenta uma concepção dinâmica das doenças mentais, argumentando que a esquizofrenia é, na verdade, uma tentativa de integração do “eu”. Boisen defende que a principal diferença entre um místico e um psicótico está na forma como cada um lida com seus problemas, sendo que, em última análise, ambos partem da mesma causa. Essa perspectiva foi inovadora e introduziu novas metodologias nos centros psiquiátricos dos Estados Unidos, sendo amplamente adotada em instituições renomadas, como a Menninger Clinic em Kansas, onde o departamento de psicologia da religião se tornou parte integral das práticas da clínica (ROSA, 1979).

James conclui que o estudo psicológico das experiências religiosas oferece uma visão abrangente da natureza humana, revelando tanto a capacidade dos seres humanos de alcançar níveis elevados de compreensão e conexão espiritual, quanto a fragilidade de sua mente, especialmente em momentos de sofrimento. O impacto dessas experiências não é apenas

individual, mas tem implicações sociais e culturais, o que reforça a necessidade de uma investigação mais científica e aprofundada das interações entre a psicologia e a religião (JAMES, 1991).

A influência de Boisen também levou ao surgimento de várias organizações acadêmicas e periódicos dedicadas ao estudo científico do fenômeno religioso. Entre os periódicos mais notáveis estão a *Pastoral Psychology* e *The Journal of Pastoral Care*, que contribuem para o desenvolvimento de uma pesquisa mais profunda sobre a psicologia da religião. Além disso, organizações como *The Society for the Scientific Study of Religion* e *The Academy of Religion and Mental Health* buscam promover uma cooperação mais íntima entre ministros religiosos e psiquiatras. Contudo, o estudo psicológico dos fenômenos religiosos ainda enfrenta desafios significativos. Embora tenha começado de forma promissora, há uma tendência preocupante entre alguns estudiosos de aceitar teorias psicológicas de maneira acrítica, especialmente a teoria freudiana. Muitos autores simplesmente assumem a validade das teorias de Freud sem questioná-las ou analisá-las de maneira crítica, o que resulta em uma observação distorcida dos fenômenos religiosos. Em vez de descreverem os fatos com base em observações rigorosas, muitos estudiosos acabam expressando opiniões fundamentadas em teorias pré-concebidas (ROSA, 1979).

2379

A superação dessa crise depende de uma abordagem mais científica e rigorosa para o estudo da religião. É necessário desenvolver melhores métodos de pesquisa, com base em hipóteses testáveis e observações empíricas, que possam formar teorias sólidas e fundamentadas. Somente com uma atitude mais científica e crítica em relação ao comportamento religioso é que a psicologia da religião alcançará o respeito acadêmico que merece (ROSA, 1979).

2.2 Estudos anteriores sobre o impacto da religião em crises psicológicas

Durante a pandemia de COVID-19, a religiosidade e a espiritualidade (R/E) desempenharam um papel importante no enfrentamento das adversidades. A R/E pode ser vista como um recurso que ajuda as pessoas a lidarem com o isolamento social, as incertezas econômicas e o medo da doença. Esse apoio espiritual oferece uma forma de enfrentamento que se associa à melhora da saúde mental, promovendo esperança e reduzindo o estresse emocional em tempos de crise (ROSSATO; RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2022). Estudos realizados durante a pandemia reforçaram o papel da R/E na mitigação de crises psicológicas.

Pesquisa de Merath et al. indicou que 58% dos pacientes oncológicos recorreram a práticas espirituais como forma de lidar com o estresse, destacando o impacto positivo dessas práticas na redução de sintomas de ansiedade e depressão (SOUZA; ANUNCIAÇÃO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2023). Essa conexão espiritual oferece aos indivíduos uma estrutura de enfrentamento emocional em meio à turbulência da pandemia, promovendo um senso de controle e estabilidade diante do desconhecido.

A espiritualidade, muitas vezes descrita como uma experiência subjetiva de conexão com o essencial da vida, e a religiosidade, que envolve a adesão a práticas e crenças institucionais, oferecem aos indivíduos formas variadas de lidar com a crise. A importância dessas práticas foi evidenciada por sua capacidade de proporcionar sentido e propósito, especialmente em momentos de incerteza global, como a pandemia de COVID-19 (SOUZA; ANUNCIAÇÃO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2023). A literatura científica tem demonstrado que a R/E não apenas auxilia no enfrentamento individual, mas também fornece suporte social e comunitário. Em muitos contextos, as práticas religiosas ajudaram a fortalecer laços de solidariedade entre os indivíduos, contribuindo para uma sensação de pertencimento e coesão social. Esses elementos são fundamentais em situações de vulnerabilidade, como a pandemia, onde o suporte emocional se torna essencial para a manutenção do bem-estar coletivo (ROSSATO; RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2022). 2380

A prática da R/E, ao oferecer mecanismos de coping religioso/espiritual, é uma ferramenta valiosa para que as pessoas desenvolvam estratégias emocionais e comportamentais que as ajudem a lidar com as pressões psicológicas da pandemia. Essa forma de coping, embora possa ter efeitos tanto positivos quanto negativos, mostrou-se predominantemente positiva durante a crise global. O envolvimento em atividades religiosas e espirituais permitiu que muitos encontrassem resiliência diante do sofrimento (SOUZA; ANUNCIAÇÃO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2023). Além de promover o enfrentamento individual, a prática da R/E gera um senso de solidariedade e interconexão social. A capacidade de promover interações significativas, ainda que a distância, reforça a sensação de comunidade e amparo coletivo (ROSSATO; RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2022).

Além disso, a R/E tem sido uma aliada importante para os profissionais de saúde. Durante a pandemia, muitos profissionais relataram que práticas espirituais ajudaram a aliviar o estresse e o esgotamento emocional causado pelas condições extremas de trabalho. Isso mostra que o cuidado espiritual não apenas beneficia os pacientes, mas também oferece um apoio

fundamental para aqueles que estão na linha de frente do combate à COVID-19, fortalecendo a resiliência e a capacidade de enfrentamento diante de adversidades (ROSSATO; RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2022). A prática regular de atividades espirituais, como a oração diária, foi associada a uma redução significativa nos níveis de ansiedade e episódios de depressão, reforçando o papel da R/E como um fator protetor contra transtornos mentais (SOUZA; ANUNCIAÇÃO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2023). Esse papel protetor da R/E oferece aos profissionais de saúde, exaustos pelas condições de trabalho, uma forma de alívio emocional e suporte, possibilitando uma recuperação mais rápida do esgotamento físico e mental.

Os benefícios da R/E não se limitam aos aspectos individuais e profissionais. Sua capacidade de gerar redes de apoio emocional, mesmo em tempos de distanciamento social, fortalece a saúde mental coletiva. Apesar das restrições impostas pela pandemia, a participação em atividades religiosas, sejam elas realizadas presencialmente ou por meio de plataformas virtuais, ajudou a manter vivos os laços de pertencimento e a sensação de apoio mútuo entre os participantes (ROSSATO; RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2022). Durante a pandemia, a prática de oração individual e a participação em atividades religiosas coletivas foram associadas à redução dos sintomas de depressão e ansiedade, reafirmando o binômio espiritualidade/religiosidade como fator protetor contra transtornos mentais (SOUZA; ANUNCIAÇÃO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2023).

2381

A relevância da R/E no contexto da pandemia também se reflete na relação das pessoas com a saúde pública. Muitos indivíduos, ao enfrentarem o medo e a incerteza em relação à doença, recorreram à espiritualidade como uma forma de compreender a situação e encontrar significado em meio à crise. A espiritualidade, nesse sentido, serve como uma ponte para a aceitação do desconhecido, promovendo uma atitude de paciência e vigilância diante das incertezas do futuro (ROSSATO; RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2022). Esse padrão também é observado em crises de outras naturezas, como desastres naturais, onde a religião oferece suporte emocional e sentido em meio ao sofrimento (SOUZA; ANUNCIAÇÃO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2023). Além disso, a busca por práticas religiosas como mecanismo de enfrentamento durante eventos traumáticos reforça a necessidade de considerar a R/E como parte integrante de políticas de saúde pública voltadas ao bem-estar emocional da população.

A espiritualidade e a religiosidade, além de desempenharem um papel crucial durante a pandemia de COVID-19, têm um impacto contínuo nas respostas humanas a crises. Sua relevância histórica e contemporânea, como demonstrado em estudos anteriores, reforça a necessidade de integrar a R/E nas estratégias de enfrentamento em saúde pública, especialmente em situações traumáticas (ROSSATO; RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2022). Essa integração não apenas beneficia aqueles que têm fé ou participam de comunidades religiosas, mas também contribui para uma abordagem mais holística e inclusiva dos cuidados de saúde mental em tempos de crise (SOUZA; ANUNCIAÇÃO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2023).

2.3 O simbolismo religioso, a relação entre o consciente eo inconsciente

A Psicologia da Religião enfrenta o desafio de equilibrar o respeito à especificidade do saber psicológico e a singularidade das tradições religiosas. Ao explorar práticas, crenças e experiências religiosas, é crucial evitar reduções que simplifiquem esses fenômenos complexos. Quando se tenta explicar a religião unicamente a partir de teorias psicológicas, corre-se o risco de desconsiderar o papel fundamental que ela desempenha na formação cultural e subjetiva do ser humano (ANCONA-LOPEZ, 2002).

O simbolismo religioso está intrinsecamente ligado tanto ao consciente quanto ao inconsciente, e sua manifestação pode ser observada nas experiências relacionadas à quaternidade. A natureza, ao separar certos aspectos simbólicos, revela sua voz em diversas experiências vinculadas a esse conceito. Isso desperta uma antiga desconfiança em relação a tudo o que remete ao inconsciente, mesmo que de forma sutil. O estudo dos sonhos, por exemplo, é uma reinterpretação moderna da oniromancia, mas por ser associado às artes “ocultas”, ainda carrega certo estigma de condenação. No contexto alquímico, os tratados mostram uma estreita ligação entre o simbolismo dos sonhos e as figuras utilizadas na alquimia medieval (JUNG, 1978).

Por outro lado, submeter as explicações psicológicas à autoridade das crenças religiosas pode distorcer a própria essência da psicologia, transformando-a em um mero instrumento de validação teológica. Nesse cenário, o desafio é construir uma metodologia interdisciplinar que permita uma análise das experiências religiosas sem ignorar a relevância da transcendência. Isso implica estudar essas vivências com o devido respeito à sua complexidade, sem negar as contribuições tanto da religião quanto da psicologia para a compreensão do comportamento humano (ANCONA-LOPEZ, 2002).

Durante a Idade Média, quando as certezas religiosas predominavam e a história universal começava com o Gênesis, o questionamento acerca dos sonhos e experiências semelhantes era menos comum. Entretanto, na modernidade, onde as “coisas derradeiras” são constantemente postas em dúvida e a pré-história é entendida como longa e complexa, as pessoas passaram a reconhecer que a experiência numinosa, ou seja, o contato com o divino, é essencialmente uma experiência da psique (JUNG, 1978).

A prática da meditação exemplifica essa interface entre psicologia e religião. Comparando o método fenomenológico, amplamente utilizado na psicologia, com o exegético, típico da tradição cristã, é possível notar aproximações. Ambos exigem uma profunda imersão nas experiências e buscam significados além do óbvio. No entanto, enquanto a fenomenologia lida com a constituição subjetiva de sentido, a exegese cristã busca uma verdade transcendente. Apesar das diferenças, ambos reconhecem a importância da subjetividade e da relação afetiva na produção do conhecimento (ANCONA-LOPEZ, 2002).

Do ponto de vista empírico, todas as experiências religiosas podem ser interpretadas como estados especiais da alma, e seu estudo revela que essas vivências têm um valor imensurável para aqueles que as experimentam. A conclusão inevitável, após um estudo cuidadoso, é que a experiência religiosa pode ser considerada de valor extremo, independentemente de seu conteúdo específico (JUNG, 1978).

2383

A meditação, tradicionalmente associada a práticas religiosas, vem sendo adotada por psicólogos como uma ferramenta terapêutica, o que demonstra a confluência de métodos e objetivos entre as duas áreas. Essa prática simboliza a intersecção entre religião e psicologia, mostrando a necessidade de uma análise cuidadosa que considere tanto suas origens espirituais quanto suas aplicações contemporâneas no campo psicológico. Tal diálogo entre disciplinas possibilita uma abordagem mais integrada e enriquecedora da experiência humana (ANCONA-LOPEZ, 2002).

Além disso, os símbolos religiosos, como a cruz e a Trindade, refletem atitudes morais e espirituais específicas. A Trindade, de caráter exclusivamente masculino, é transformada pelo inconsciente em uma quaternidade, que engloba não apenas as três pessoas divinas, mas também um quarto elemento, que é o feminino, representado pela terra ou pelo corpo, muitas vezes simbolizado pela Virgem (JUNG, 1978).

Em síntese, o estudo de símbolos e práticas religiosas na Psicologia da Religião exige uma abordagem cuidadosa, que evite simplificações e preserve a profundidade dessas

experiências. Práticas como a meditação, por exemplo, vão além do uso terapêutico e envolvem uma dimensão simbólica e afetiva significativa. Reconhecer e integrar essas perspectivas ajuda a expandir a compreensão dos fenômenos humanos, permitindo uma visão mais ampla e interdisciplinar (ANCONA-LOPEZ, 2002).

Esse quarto elemento, representado pela terra e pela mulher, sugere uma inclusão do princípio feminino, o que estava ausente no dogma tradicional da Trindade. Embora o mal não fosse explicitamente mencionado, ele era simbolizado pela natureza venenosa da matéria prima, demonstrando que o inconsciente não apenas restaura o feminino, mas também introduz a noção do mal como parte integrante da totalidade representada pela quaternidade (JUNG, 1978).

2.4 Aspectos Culturais e a Psicologia da Religião no Brasil

O dossiê “A religião no espaço público”, organizado por Ari Pedro Oro e Marcelo Ayres Camurça, oferece um panorama robusto sobre a interação entre religião e o espaço público no Brasil e em outras regiões. Ele foca na crescente presença e influência das religiões em arenas que, historicamente, foram consideradas seculares. Esse fenômeno é uma reflexão da complexidade do conceito de secularização, que, conforme argumenta Talal Asad, é uma construção moderna e não uma realidade essencialmente universal. Segue abaixo alguns tópicos abordados neste dossiê relevante para a aplicação da pesquisa no Brasil (ORO; CAMURÇA, 2019).

2384

A secularidade refere-se à ideia de que a secularização ocorreu principalmente no âmbito dos espaços públicos. Nessa visão, a religião teria sido removida das discussões e práticas públicas, resultando em um esvaziamento do espaço público de referências à fé em Deus. Em outras palavras, as decisões e normas que orientam a sociedade moderna não mais se baseiam em crenças religiosas. A fé, nesse contexto, foi relegada à esfera privada e pessoal, sem influência direta nas deliberações políticas ou sociais. Essa perspectiva é uma das formas mais comuns de entender a secularização, e Taylor a identifica como uma das explicações predominantes, ainda que limitada, sobre como a religião foi deslocada da vida pública com o avanço da modernidade (TAYLOR, 2016)

A Transformação da Secularização. A secularização foi vista por muito tempo como um processo inevitável nas sociedades modernas, onde a religião gradualmente perderia espaço para a racionalidade e a política laica. No entanto, o dossiê mostra como essa ideia foi desconstruída por estudos antropológicos contemporâneos, que revelam que o secular e o religioso não são

opostos absolutos, mas, ao contrário, se entrelaçam de forma contínua nas dinâmicas sociais. Asad, por exemplo, sugere que o “secular” e o “religioso” são categorias historicamente construídas, e as linhas que os separam são flexíveis e negociáveis. No Brasil, essa fluidez é evidente, já que a religião desempenha um papel público significativo, desafiando as ideias tradicionais de que o espaço público seria completamente secular (ORO; CAMURÇA, 2019).

Karel Dobbelaere, sociólogo da religião da Universidade Católica de Lovaina, é um dos principais estudiosos que, embora crítico ao uso ideológico da teoria da secularização, não a rejeita por completo. Em seu trabalho sobre as tendências da secularização, ele propõe que, para ser usada cientificamente, a tese precisa ser compreendida em três dimensões: laicização, mudança religiosa e participação em roupas. A laicização estende-se à relação entre instituições religiosas e sociais, envolvendo processos como agravo, diferenciação e transposição. A mudança religiosa aborda transformações internas nas crenças, rituais e comunidades religiosas, enquanto a participação nas igrejas avalia o grau de envolvimento individual com instituições religiosas. Dobbelaere argumenta que essas dimensões permitem que a secularização seja entendida como uma teoria social completa, em vez de um simples estereótipo ideológico. Ele também destacou a importância de analisar os paradigmas sociais subjacentes a essas teorias, como os propostos por Luckmann, Berger, Wilson e Luhmann, a fim de diferenciar os níveis de análise envolvidos (DOBBELAERE, 2010).

2385

A Religião como Agente Público. No contexto brasileiro, a religião não é apenas uma questão privada de crença pessoal; ela é um elemento ativo no debate público. O caso da inauguração do Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus, analisado no dossiê, exemplifica como as grandes religiões no Brasil participam ativamente na construção do espaço público. Esse templo, localizado em São Paulo, não só é um local de culto, mas também um símbolo de poder religioso no cenário urbano, inserindo a religião diretamente no imaginário público e na política. Outro exemplo apresentado é a participação de líderes religiosos em questões jurídicas que envolvem ética e direitos humanos, como a ADI 3510 (pesquisas com células-tronco) e a ADPF 54 (aborto de fetos anencéfalos). Esses casos mostram que as religiões no Brasil não estão confinadas ao privado, mas desempenham papéis de influência pública, moldando decisões políticas e legislativas. A visibilidade da religião em tais debates reforça a ideia de que, no Brasil, o público e o privado estão interligados de maneiras complexas, e as religiões continuam a moldar aspectos cruciais da vida cívica (ORO; CAMURÇA, 2019).

A Influência da Religião na Política. A relação entre religião e política também é central para entender como as religiões moldam o espaço público. O dossiê menciona casos de tensão entre religião e laicidade no Uruguai, o que oferece um paralelo interessante com a situação brasileira. A Igreja Católica, por exemplo, tem uma longa história de participação ativa em questões políticas no Brasil, e outras denominações, como as igrejas evangélicas, têm cada vez mais voz no cenário político, influenciando políticas públicas sobre temas como direitos reprodutivos, educação e moralidade. No entanto, essa interação entre religião e política não é sem controvérsias. A presença pública da religião pode, em alguns casos, representar uma tensão com os ideais seculares e os direitos civis, especialmente quando questões morais e éticas estão em jogo. O dossiê mostra como essa tensão é negociada continuamente, especialmente em casos de visibilidade pública de lideranças religiosas e seus discursos (ORO; CAMURÇA, 2019).

Encenações Religiosas e a Esfera Pública. A ideia de “encenações religiosas” no espaço público revela como as religiões garantem visibilidade e influência no debate público através de rituais, celebrações e intervenções diretas. A inauguração do Templo de Salomão exemplifica um evento religioso que também foi midiático, com grande impacto político. Além disso, o texto explora como discursos religiosos se transformam ao transitar entre o privado e o público, como no caso da pastora transgênera Alexya Salvador, cujo discurso religioso foi ressignificado ao entrar no debate público, ressaltando disputas de significados, especialmente em questões de gênero e diversidade sexual. O Paradigma da Secularização em Xeque. Ao explorar esses exemplos, o dossiê questiona o “paradigma da secularização”, que pressupõe uma separação rígida entre o religioso e o secular. No Brasil, essas fronteiras são mais permeáveis, e a religião continua a desempenhar um papel central na configuração do espaço público, contribuindo para a (re)configuração das dinâmicas sociais e políticas (ORO; CAMURÇA, 2019).

2.5 O enfrentamento de problemas de saúde através da religião

O enfrentamento de problemas de saúde através da religião envolve uma perspectiva que vai além das abordagens tradicionais da psicologia, incluindo elementos espirituais e teológicos que contribuem para o entendimento da experiência humana. Conforme discutido por teólogos como Michael Utsch, o diálogo entre a psicologia e a teologia tem sido desafiador, pois ambas as áreas buscam oferecer explicações sobre a vida e a existência, mas de formas distintas. A psicologia se apoia em uma abordagem imanente, enquanto a teologia busca uma compreensão

transcendente da realidade, especialmente nos contextos de sofrimento e saúde (HERBES; DE JESUS; AVILA, 2020).

A religiosidade tem sido amplamente reconhecida como um elemento significativo no processo de enfrentamento de doenças e desafios de saúde, desempenhando um papel crucial na forma como as pessoas lidam com situações estressantes e adversas. Muitos indivíduos recorrem à fé, atribuindo a Deus tanto a origem quanto a resolução de problemas de saúde, utilizando suas crenças como recursos para enfrentar essas situações de maneira cognitiva, emocional e comportamental. A esse conjunto de estratégias, que integra elementos religiosos e espirituais no enfrentamento, pode-se denominar enfrentamento religioso, um conceito que explora como a espiritualidade pode ser uma ferramenta ativa no gerenciamento de estressores (FARIA; SEIDL, 2005).

Embora a teologia tenha perdido relevância em alguns países, como na Alemanha, onde as interpretações psicológicas assumiram maior protagonismo, as crenças religiosas continuam desempenhando um papel importante na vida de muitas pessoas, especialmente no enfrentamento de crises pessoais. A ideia de que o sofrimento emocional e as crenças religiosas são interligados é sustentada por estudiosos como Dan Blazer, que argumenta que a espiritualidade é parte integrante da história de vida de um indivíduo e não pode ser dissociada das outras esferas de sua existência (HERBES; DE JESUS; AVILA, 2020).

2387

Dentro dessa perspectiva, o enfrentamento religioso transcende a simples prática ritualística ou a devoção passiva, colocando o indivíduo como um agente proativo que, ao ser confrontado com desafios significativos, utiliza suas crenças e práticas espirituais para nortear suas decisões e estratégias. A vida é permeada por desafios, sofrimentos e transições que muitas vezes ultrapassam as capacidades individuais de lidar com essas situações de forma isolada. Nesse processo dinâmico, a religiosidade não apenas oferece um escopo de crenças pré-estabelecidas, mas também possibilita ao indivíduo mobilizar recursos internos e externos para enfrentar o sofrimento, seja por meio de orações, participação em rituais comunitários ou pela busca de um sentido transcendente para suas aflições (FARIA; SEIDL, 2005).

Nesse contexto, tanto a psicologia quanto a teologia têm seu lugar no auxílio às pessoas que enfrentam problemas de saúde. A psicoterapia busca tratar questões emocionais e promover o autoconhecimento, enquanto o aconselhamento pastoral oferece uma abordagem que não se limita à dimensão antropológica, focando também na relação entre o ser humano e o divino. O objetivo último do aconselhamento pastoral, segundo Lothar Hoch, não é apenas auxiliar a

pessoa em sua humanidade, mas também conectá-la com Deus (HERBES; DE JESUS; AVILA, 2020).

Nem todas as pessoas utilizam estratégias religiosas em seu processo de enfrentamento, sendo mais propensas aquelas cuja religiosidade ocupa um lugar central em suas vidas. Assim, a religião pode atuar tanto como uma âncora em tempos de dificuldade quanto como uma forma de suporte, oferecendo conforto emocional e uma interpretação estruturada dos eventos estressantes. Além de proporcionar consolo, a religião ajuda a buscar significado para questões complexas da existência, como a injustiça e o sofrimento, promovendo, ao mesmo tempo, a interação social através de práticas religiosas e o fortalecimento da identidade pessoal (FARIA; SEIDL, 2005).

A abordagem religiosa pode proporcionar conforto e orientação moral, ajudando o indivíduo a enfrentar doenças e sofrimentos com um sentido de propósito e transcendência. Esse enfrentamento não precisa excluir a psicoterapia, mas pode ser complementado por ela, uma vez que as duas disciplinas, quando bem integradas, ajudam a cuidar da saúde mental e espiritual de forma holística. Portanto, ao lidar com problemas de saúde, o ser humano pode encontrar na religião uma fonte de força e consolo que, somada à compreensão psicológica, oferece uma perspectiva mais ampla para lidar com as adversidades (HERBES; DE JESUS; AVILA, 2020).

2388

Outro aspecto importante é a variação nos estilos de solução de problemas associados à religiosidade. Foram identificados três principais estilos de enfrentamento: autogerido, delegante e colaborativo, que se diferenciam pela atribuição do controle e da responsabilidade na resolução dos problemas. No estilo autogerido, o indivíduo assume total responsabilidade pela resolução do problema, percebendo Deus como um facilitador que lhe concede autonomia. Já no estilo delegante, o indivíduo transfere essa responsabilidade para Deus, esperando que Ele resolva o problema diretamente. No estilo colaborativo, o enfrentamento é compartilhado entre o indivíduo e Deus, ambos vistos como participantes ativos na solução dos problemas. A escolha do estilo pode variar de acordo com a percepção que o indivíduo tem de sua própria competência, sendo que pessoas com uma percepção menor de suas habilidades tendem a adotar o estilo delegante, enquanto as mais confiantes em suas capacidades preferem o estilo autogerido ou colaborativo (FARIA; SEIDL, 2005).

Essa diferenciação nos estilos de enfrentamento tem implicações importantes no campo da saúde. O estilo delegante, em especial, pode desencorajar a busca ativa por cuidados médicos,

uma vez que o indivíduo delega toda a responsabilidade de cura a Deus. Tal atitude pode levar a atrasos na adesão a tratamentos ou até mesmo à rejeição de intervenções médicas, na expectativa de que a intervenção divina seja a única solução. Por outro lado, estilos mais colaborativos ou autodirigidos podem encorajar o paciente a tomar iniciativas mais ativas em sua recuperação, buscando tanto a intervenção médica quanto o suporte espiritual. A complexidade da relação entre religiosidade e saúde é evidente quando se examinam os padrões positivos e negativos do enfrentamento religioso. Os padrões positivos, como a busca de apoio espiritual e o enfrentamento colaborativo, têm sido associados a melhores resultados de saúde, como crescimento pessoal e espiritual, além de uma melhor qualidade de vida e redução de sintomas emocionais negativos. Em contrapartida, os padrões negativos, como o descontentamento religioso ou a percepção de punição divina, podem intensificar problemas emocionais, resultando em sintomas de depressão e isolamento. Nesse sentido, a religiosidade pode ser tanto um recurso adaptativo quanto um fator estressor, dependendo da maneira como o indivíduo se relaciona com suas crenças e com a situação estressante (FARIA; SEIDL, 2005).

2.6 Paradigmas na Intersecção Entre Religião e Psicologia com base na definição de paradigmas de Joel Barker

A partir do conceito de paradigmas apresentado no filme “Descobrendo o Futuro: A Questão dos Paradigmas” – Segunda Edição, de Joel A. Barker, é possível traçar uma analogia direta com o tema “A Intersecção Entre Religião e Psicologia: Conceitos Históricos e a Ótica Contemporânea”. No filme, Barker descreve paradigmas como estruturas mentais que moldam nossa visão de mundo e direcionam nossas ações, definindo os limites do que consideramos possível ou impossível. De maneira similar, a relação histórica entre religião e psicologia foi definida por paradigmas que mantinham essas áreas separadas e, em muitos momentos, como disciplinas antagônicas. A religião, tradicionalmente centrada em práticas devocionais e crenças espirituais, operava em um paradigma baseado na fé e no transcendente, enquanto a psicologia, como ciência emergente, seguiu um paradigma empírico, focado na observação e análise do comportamento humano. Esses paradigmas distintos criaram uma barreira entre as duas áreas, impedindo um diálogo produtivo e colaborativo. Essa divisão ilustra perfeitamente o que Barker define como “paralisia de paradigma”, uma situação em que disciplinas ou áreas de conhecimento ficam presas a modelos antigos e se tornam incapazes de explorar novas perspectivas que poderiam, eventualmente, unir pontos aparentemente opostos (BARKER, s.d).

Contudo, assim como Barker explica no filme, novos paradigmas surgem ao longo do tempo, desafiando e quebrando as antigas divisões. A intersecção contemporânea entre religião e psicologia é um exemplo claro dessa mudança de paradigma, em que psicólogos e estudiosos estão começando a reconhecer o valor da espiritualidade e da religiosidade na saúde emocional e mental dos indivíduos. Esse novo paradigma não apenas permite, mas encoraja o diálogo entre esses campos, integrando práticas espirituais em abordagens terapêuticas para promover o bem-estar integral. Como Barker sugere, aqueles que adotam esses novos paradigmas precocemente são geralmente os mais bem-sucedidos em se adaptar às mudanças, algo que pode ser observado no campo da psicoterapia, onde a inclusão de crenças espirituais tem gerado resultados positivos. A transformação dos paradigmas redefine as regras estabelecidas, revelando um futuro promissor em que a psicologia e a religião podem trabalhar juntas para oferecer uma compreensão mais ampla e integrada da experiência humana, exemplificando a necessidade de adaptabilidade e inovação destacadas no filme de Barker (BARKER, s.d).

CONCLUSÃO

A relação entre religião e psicologia, ao longo da história, sempre foi vista como distante, até mesmo conflituosa, mas, aos poucos, essas áreas vêm se aproximando de maneira significativa. Hoje, reconhecemos que as experiências religiosas desempenham um papel crucial na vida psíquica de muitos indivíduos, e que integrar esses aspectos à prática psicológica enriquece nossa compreensão sobre o ser humano. A espiritualidade, quando analisada com respeito e sensibilidade, amplia as possibilidades terapêuticas e oferece um suporte valioso no tratamento de questões emocionais.

A pandemia de COVID-19 foi um marco que reforçou a importância da religiosidade e da espiritualidade como mecanismos de enfrentamento. Em um momento de incertezas e vulnerabilidades, muitas pessoas encontraram na fé um refúgio emocional e uma forma de lidar com o sofrimento. Esse fenômeno evidenciou que, ao contrário do que muitos acreditavam, a religião não está isolada da saúde mental. Ela pode, sim, contribuir para a resiliência emocional e para o bem-estar, especialmente em tempos de crise. É cada vez mais claro que o papel da espiritualidade vai além do que os rituais e as crenças aparentam: trata-se de uma vivência profunda e individual que influencia diretamente na forma como o indivíduo lida com a realidade e com suas dores.

Essa nova perspectiva convida a uma reflexão mais humana e sensível sobre o lugar da religião na construção do sentido de vida e na superação de adversidades. A psicologia, ao incorporar esses elementos de maneira ética e respeitosa, sem perder seu caráter laico, permite-se alcançar uma prática mais inclusiva e empática. Esse diálogo com a espiritualidade não significa a imposição de crenças, mas o reconhecimento de que, para muitos, a fé é um alicerce fundamental.

Contudo, esse caminho exige mais do que boas intenções. É necessário que os profissionais da psicologia sigam investindo em pesquisas que explorem de forma empírica os efeitos da religiosidade e da espiritualidade na saúde mental, mantendo o rigor científico sem desconsiderar as particularidades subjetivas de cada pessoa. Somente assim será possível promover um cuidado que integre mente, corpo e espírito, e que respeite verdadeiramente a complexidade humana.

REFERÊNCIAS

ANCONA-LOPEZ, M.. **Psicologia e religião: recursos para construção do conhecimento**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 19, n. 2, p. 78–85, maio 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/3bwpqw7SL47NDhfygmJC84m/#> Acesso em: 29 out. 2024.

BARKER, J. A. **Descobrimo o futuro: A Questão dos Paradigmas**. 2. ed. [Apresentação em vídeo]. Versão em português. Disponível em: <https://vimeo.com/508600767> Acesso em: 28 out. 2024.

FARIA, J. B. DE .; SEIDL, E. M. F.. **Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 18, n. 3, p. 381–389, set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/NpQ6BzVkrs3W9YRXKDZNvNK/#> Acesso em: 2 out 2024.

GIUMBELLI, E. **Símbolos Religiosos em Controvérsias**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014. Resenhado em Religião e Sociedade, v. 37, n. 2, p. 241–246, dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/4BMdkmL6tbCWzdH4ppq6X8Q/#> Acesso em: 9 out. 2024.

HERBES, N. E.; DE JESUS E AVILA, M. **Psicologia e Religião: Um Encontro Inevitável**. Revista Pistis & Praxis, [S. l.], v. 12, n. 1, 2020. DOI: 10.7213/2175-1838.12.001.AOo2. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/24069> Acesso em: 9 out. 2024.

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS. **Psicologia da Religião**. 2021 (ORG) Disponível em: <https://institutodeteologialogos.com.br/downloads/psicologia-religiao.pdf> Acesso em: 28 set 2024.

JAMES, W. *As Variedades Da Experiência Religiosa; Um estudo sobre a natureza humana* [s.l.] Editora Cultrix, 2019

JUNG, C. G.. **Psicologia e religião: Psicologia e Religião Ocidental e Oriental**. Vol. II/1. Petrópolis: Vozes, 1978.

KOENIG, H. G.. **Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental**. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, v. 34, p. 5-7, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/FhCVYT7C6WcPMJhR8MxDf6R/#> Acesso em: 28 set 2024.

MACIEL, R; LINS, R. **Dialogar com a religião e com a ética na psicologia**. *Academia do Psicólogo*, 2023. Disponível em: <https://academiadopsicologo.com.br/ferramentas-e-recursos/dialogar-com-a-religiao-e-com-a-etica-na-psicologia/> Acesso em: 02 out. 2024

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO N. F.; KOENIG, H. G.. **Religiousness and mental health: a review**. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 28, n. 3, p. 242-250, set. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/v6WPG8DFL5ND3gc4bmhsPRF/#> Acesso em: 28 set 2024.

MURAKAMI, R.; CAMPOS, C. J. G.. **Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 65, n. 2, p. 361-367, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tXdvKWGpyYDfKwCWMDHW3ZG/#> Acesso em: 28 set 2024.

OLIVEIRA, J. C. da C. (2022). **Reconstruindo a Era Secular em Charles Taylor**. *Trans/formação*, 45(3), 89-104. <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2022.v45n3.p89><https://www.scielo.br/j/trans/a/Fdp6My5386dKKvG3DVtk5jr/#ModalH> owcite Acesso em: 17 out. 2024. 2392

OLIVEIRA, M. R. DE .; JUNGES, J. R.. **Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos**. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 17, n. 3, p. 469-476, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/w3hnsrp3wzVcRPL3DkCzXKr/#> Acesso em: 28 set 2024.

ORO, A. P.; CAMURÇA, M. A. **Horizontes Antropológicos publica dossiê sobre religião no espaço público** [online]. *SciELO em Perspectiva: Humanas*, 2019. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2019/01/14/horizontes-antropologicos-publica-dossie-sobre-religiao-no-espaco-publico/> Acesso em: 2 out 2024.

ROSA, M. **Psicologia da religião**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.

ROSSATO, L.; RIBEIRO, B. M. S. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. **RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE E SAÚDE NA PANDEMIA DE COVID-19**. *Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, [S. l.], v. 14, n. 2, 2022. DOI: 10.26823/nufen.v14i2.22256. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/22256> Acesso em: 9 out. 2024..

SOUZA, A. V. DE .; ANUNCIACÃO, L.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J.. **Spirituality, religiosity and mental health during the COVID-19 pandemic.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 40, p. e210206, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/VkkGZFbrHgR5YJzRFdy7mWH/?lang=en#> acesso em: 28 set 2024.

ZEPEDA, J. DE J. L. **Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 25, n. 73, p. 129-141, jun. 024.2010 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/v5xJPcCMmFbyCJqM5g59stb/#> Acesso em: 16 out. 2024